

MARÉ VIVA

MUNICÍPIO DE
BIBLIOTECA

Director Interino: JOSÉ RAFAEL TORMENTA

SEMANARIO

ANO X N.º 468 — PREÇO 17\$50 — 23/1/86

PRESIDENCIAIS

ZENHA, PINTASILGO e SOARES EM ESPINHO

— PÁGINA 4



Festa Final das Janeiras

Alegria numa noite de Janeiro

ÚLTIMA PÁGINA

NOTA

MAS AS CRIANÇAS SENHOR...

A visita de alguns candidatos à Presidência da República à nossa cidade não deixou — infelizmente — de ter alguns incidentes que apesar de não terem tido uma importância digna de relevo, nos deverão fazer repensar um pouco sobre a noção que temos de democracia e também sobre a dignidade com que gostamos que a nossa terra seja identificada.

Refiro-me ao facto de elementos bastante jovens, identificados por autocolantes e outros «adereços» se apresentarem nas manifestações diversas de outras candidaturas em atitudes manifestamente provocadoras ou boicotadoras.

A política — entendida no seu conceito mais usual — é frequentemente qualificada com adjectivos pouco agradáveis, o que não serve de admiração a ninguém; mas que as crianças sejam usadas neste jogo perigoso, ou difícil, em que os participantes deverão ser unicamente adultos, é algo de vergonhoso que não podemos aceitar.

J. R. T.

DESPORTO

VOLEIBOL

Bolar
certo
na
primeira
jornada
da fase
final

— PÁGINA 7

José Fonseca:

«Namorar» Lito depois do «divórcio» com o PSD



José Carvalho da Fonseca, ex-militante do PSD, ex-Presidente da Câmara, concorreu à cabeça de uma lista do CDS que, nas últimas eleições autárquicas, se colocou em segundo lugar para a Câmara. Uma figura controversa na área direita do leque partidário, que diz de si mesmo que tem «um «estilo próprio» de estar na política.

Neste momento, ser vereador a tempo inteiro é um dos seus objectivos e parece contar, para já, com boa influência junto de «Lito» Gomes de Almeida.

CONTRALUZ

Do ensino em Portugal
ou batatas quentes e podres

Se há fome e miséria neste país com um pé no terceiro mundo e outro na CEE, não haverá porém maior desgraça e caos do que no ensino em Portugal.

Tudo começa com a inexistência de escolas oficiais de ensino pré-primário; há um grande número de crianças cujos pais não têm dinheiro para infantários, mesmo que sejam os particulares, por vezes mais baratos que os dos Serviços Sociais; muitos também não têm avós ou parentes que tomem conta deles e ficam na rua, ao «Deus-dará» palmilhando os pri-

meiros passos da tão preocupantemente badalada delinquência juvenil. Estes e mais alguns são os futuros «casos» de insucesso escolar logo nesse outro bicho de sete cabeças que é o ensino primário.

O que é uma escola primária? Pode ser um lindo edifício no meio de uma bela cidade ou um barraco quase a cair, cheio de humidade, vento por baixo da porta e vidros — se os há — todos partidos algures no monte mais isolado; a escola não tem capacidade alguma de resposta a casos diferentes da norma pré-estabelecida. Antigamente muitos dos meninos pé-descalço não chegavam a pôr o pé na escola; ficavam-se pela felicidade do bucolismo de uma montanha de vara e rebanho ao pé. Hoje são obrigados a ir à escola, e está muito bem; o analfabetismo diminuiu porque aprendem a escrever o nome no cartão de eleitor e CEE, OCDE, FMI, etc. «éxigente». Mas para tal — pobres crianças! — o que não sofrem. Não por culpa dos seus professores, autênticos heróis, mas porque a escola lhes impõe algo que não conhecem, porque a escola primária é, em Portugal, um sistema que não serve as crianças mas um qualquer conceito abstracto que alguém teve e hoje já não deveria existir.

Com uma história mais curta, surge o ciclo preparatório. Trinta e tal por cento dos meninos já ficaram pelo caminho, entrando, aos catorze anos para um curso de adultos ou abandonando para sempre uma das experiências mais amargas da sua vida. No entanto, em relação a crianças com quaisquer tipos de dificuldades, pouco está também estruturado, para além de um ou outro apoio itinerante;

e continuam a ensinar-se sintagmas e outras terminologias obscuras, como se a criança não tivesse primeiro que descobrir como usa a sua língua, em termos de competência, criatividade, etc., em vez de se pôr a decorar «palavras» da meta-linguagem a que os professores dedicam horas e horas perdidas, para inculcarem um conceito que a sua idade não é, na maior parte das vezes, capaz de abstrair.

Depois é o secundário, onde literatura e linguística são também uma mistura de grelhos, no que diz respeito ao ensino da língua portuguesa.

E as Faculdades? Ai as Faculdades... criadas teoricamente para preparar investigadores e criando 99,9% de professoras, que nunca ouviram falar de pedagogia, didáctica ou coisa que os valha. E esses professores lá vão tratar com crianças, levando a extremo a sua capacidade criadora, inventiva e frustrante.

E o caos... E se começássemos a falar de livros, de cantinas, de empregados de escola, ou de outros intervenientes como por exemplo os médicos que querem tantas vezes ensinar pedagogia aos professores com, se fosse possível que os professores ensinassem medicina aos médicos, ou os psicólogos-da-moda que nunca ouviram falar em qualquer modelo educacional e dão receitas a torto e a direito a pais e professores, era um lavar de roupa suja, que o melhor é ficarmos por aqui. Que uma análise bem feita de tudo isto gastar-nos-ia rios de tinta para chegarmos ao fim e deitarmos tudo fora, que as batatas, estão quase todas quentes e podres. Tão podres que metem dó!

JRT

RASCUNHOS



De quando em vez lá vem em letras gordas nos jornais, ou aparece nas imagens primeiras do Telejornal, ou ouve-se com os possíveis portadores no rádio, que caiu mais um avião. E com a queda, um rol impressionante de vítimas mortais, de um modo geral a totalidade dos passageiros e tripulantes. Depois anda-se à procura da tal caixa negra para apurar os motivos do incidente, diz-se que foi por isto ou por aquilo, recolhem-se os cadáveres (quando se recolhem) e volta ao esquecimento até que surja nova catástrofe.

Os aviões continuam a cruzar os céus, com as lotações mais ou menos completas, facilitando a vida a quem tem pouca vida para poder perder tempo em viagens longas. Temos que andar depressa, cada vez mais depressa, estar agora aqui e poucas horas depois a largos milhares de quilómetros de distância. Isso de os aviões caírem só acontece aos outros e as estatísticas garantem que este ainda é o melhor e mais seguro meio de transporte que o homem até agora inventou. Aliás quem não arrisca não petisca e, se fôssemos a ter medo de tudo, uma das coisas que nunca fazíamos era deitarmos numa cama porque é precisamente no leito que — provam-no as estatísticas — mais gente acaba os seus dias.

Há quem tenha um medo

Carlos P. Moraes

pânico de viajar de avião mas as exigências da vida moderna obrigam à ousadia de correr o risco. Muita gente já faz do avião uma coisa tão vulgar como o autocarro da paragem à beira da porta. Mas a primeira viagem é sempre uma coisa preocupante e o estreante sente-se bem pouco à vontade. No meu baptismo do ar fui transportado numa avioneta do Aero Clube, uma casca de noz a tremer por todos os lados, enquanto eu só tremia por dentro, num nervoso miudinho. Sai-me bem da inauguração, gramei à brava o sobrevoar Espinho, esqueci temores e viajei uns razoáveis minutos quase como se fosse o mais experimentado dos ícaros. Mas, isto cá para nós, só fiquei transtolido quando pus os botes em terra firme.

Embora a experiência me tivesse agradado não tive nova oportunidade de repeti-la até que, um belo dia, se me proporcionou a ocasião de fazer um voo a sério, por cima do Atlântico. A impressão que tinha em relação aos avôes de longo curso era a de que constituíam um bloco forte, bem argamassado, sem falhas nem buracos, uma coisa maciça. Aqueles avejeões enormes, que só via de longe, voando ou estacionados na pista, mereciam-me inteira confiança quanto a solidez. O pior foi quando subi a escala, comecei a olhar e constatei que aquilo eram chapas e mais chapas, todas fixadas por rosas. Perdi a confiança e tive uma vontade enorme de voltar para trás. Só que os dados estavam lançados, morra Marta morra Marta, em frente marche. E minutos depois, muitos metros acima do terreno firme, já era um autêntico veterano do ar.

mare viva
SEMANARIO

Director Interino:

José Rafael Tormanta

Redactores:

Abílio Adriano
Filomeno Oliveira

Colabor. da Redacção:

Carlos Cruz

Colaborador Especial:

Carlos P. Moraes

Colaboradores Locais:

Alicia Rocha
Fausto Neves
Joaquim Fidalgo
Jorge Carvalho
Luís Costa
Mário Correia
Mário Rui Neves
Nunes Carneiro
Orlanda Cruz
Victor Sousa

Outros Colaboradores:

Agostinho Chaves
Álvaro Costa
Carlos Magno
José Queirós
Lúcia Bessa
Margarida Portugal
Manuel Neto da Silva
Manuel Pinto
Manuel Tavares
Viale Moutinho

Reportagem Fotográfica:

Clara Pinheiro
Olívia Silva
Joaquim Santos

Paginação:

Augusto Mota
António Galo
Henrique FerreiraPropriedade da Nascente
Coop. de Acção Cultural
Rua 62, 251 - Telef. 721621

Composição e Impressão:

Tipografia Meneses
Coop. Gráfica Espinho, C.R.L.
Rua 14, 903 - Telef. 721016

Redacção:

Rua 62, 251 - 4500 Espinho
ou Apart. 43 - 4500 Espinho
Telef. 721621Assinatura semestral:
350\$00Assinatura anual:
700\$00

Depósito Legal: 2048/83

Tiragem deste número:
2.000 exemplares

Não vejo mas acredito

Acordei no passado dia 1 de Janeiro com uma pontinha de oculta (e parva...) ansiedade: queria chegar depressa à janela e olhar em volta, respirar as aragens, cheirar, ouvir, enfim, sentir que já estávamos na Europa e «como» era essa coisa nova.

Bem olhei, bem respirei, bem cheirei, mas... nada de nada. Que desilusão! O raciocínio ingénio que fizera (bem... raciocínio talvez não... a cabeça sabe muito bem que estas coisas não se «sentem») ia mais ou menos neste sentido. Se a entrada do país na CEE é o que nos têm vindo a dizer que é, haverá legitimidade em esperar uma qualquer mudança no ar, um qualquer sinal, um não sei quê semelhante, pelo menos, à sensação de quando vestimos uma roupa nova. Uma qualquer sensação epidémica, pois.

Mas nada. Nada de nada. Até parecia que ainda não tínhamos entrado na Europa, que ainda continuávamos no sítio (qual?) onde estávamos na véspera, no dia 31 de Dezembro de 1985.

É curioso que esta mesma espécie de desejo ou ansiedade me passara já pelo corpo muitos anos antes, quando viajei pelo estrangeiro. Da primeira vez que fui a França, procurei, logo à descida do comboio em Paris, esse mesmo «cheiro diferente» no ar. Mas não. Era quase como se estivesse a desembarcar em Portugal, ou em Espanha, ou na Inglaterra. Claro, as pessoas falavam uma língua diferente, os carros tinham outras matrículas, os «néons» eram novos. Certo. Mas tudo isso não chegava para trazer uma espécie de «emoção» que eu julgava legitimamente dever esperar de uma primeira viagem ao estrangeiro. Como esperaria (aí decerto com maior razoabilidade) se fizesse uma viagem à Lua, ou a Vénus, ou a um qualquer Mundo Novo, às tantas com habitantes pintados de verde e cheio de antenas na cabeça...

Apesar destas minhas frustrações sensoriais do dia primeiro de Janeiro, o certo é que já estamos na CEE, já estamos na (sempre é mais pomposo) Eu-

ropa! Garante-me que estamos, vem nos jornais, todo o responsável o diz — e eu acredito. Não vejo, não sinto, não cheiro — mas acredito.

Bem, confesso que já vejo qualquer coisa. Já vejo, pelo menos o IVA. Vi-o recentemente, quando fiz uma compra e me sugeriram ainda a data de Dezembro para a factura, de modo a «não complicar muito a contabilidade». Vi-o logo a seguir, quando fiz uma outra compra e paguei 16% mais que o costume, pois se tratava de um produto (como há vários, de pat com múltiplos serviços) que até aqui não pagava IT mas que agora paga IVA. Vi-o ainda quando, pelos jornais, vi sabendo de compatriotas que arranjaram empregos «na Europa» (com ordenados «da Europa»), onde passarão a tratar deste novo Portugal europeu.

E, ao que me dizem, ainda estou para ver muito mais. Só que vai ser aos pouquinhos, paulatinamente, discretamente. Daqui a 10 anos, asseguram-me, bem poderei sentir-me um «por-

JOAQUIM FIDALGO

tuguês europeu». Mas isso é português ou é... estrangeiro? Se ao menos não fosse uma coisa nem outra, mas uma coisa melhor que ambas...

Estou curioso.

* Jornalista do «Expresso»

— título da responsabilidade da redacção

CLINICA GERAL

J. Pinheiro de Moraes

RUA 20 N.º 300

TELEF. 720452

Notícias da PSP

MOTORISTA PRESO

Por injúrias dirigidas a uma agente da PSP foi preso e enviado a tribunal José Oliveira, motorista, residente no Bairro Piscatório.

MAIS UM EMBATE

Mais um embate nas ruas da cidade, desta feita num cruzamento mas na rua 62, entre um automóvel ligeiro e um velocípede com motor, de que resultaram ferimentos no condutor do segundo.

Balanço do mês de Dezembro

Segundo um comunicado do Comando Distrital de Aveiro da PSP, foi a seguinte a Acção Delitosa e Actividade da PSP na Zona Urbana da Cidade de Espinho no mês de Dezembro:

1. Criminalidade

Relativamente ao período anterior (Novembro), em Dezembro registou-se um sensível abaixamento das acções de furto, mais notório nos furtos de motorizadas, do interior de viaturas na via pública, habitações e estabelecimentos comerciais.

Por outro lado, registaram-se 4 queixas por cheques sem provisão, o que significa um agravamento sensível deste tipo de acções, em relação ao período anterior.

Concluiu-se também que o número de furtos em média men-

sal referida a Janeiro/Dezembro/85, registou um ligeiro agravamento, relativamente a igual período do ano transacto.

2. Actividade da PSP

Salia-se o seguinte:

— Foram capturadas 3 pessoas, sendo uma por injúrias à PSP e duas por furtos

— Foram recuperados dois automóveis furtados, um nesta cidade, e outro na cidade do Porto.

— Foram identificados os autores dos furtos seguintes, em habitações:

— De uma pulseira em ouro, no valor de 14.500\$00.

— De 3 anéis, também em ouro, no valor de 56 contos.

Todos estes artigos foram recuperados.

— Foram capturados 2 jovens de 19 anos, surpreendidos

dentro duma viatura, avaliada em 80 contos, que haviam furtado, a qual foi recuperada. Estes jovens confessaram-se autores do furto de mais duas viaturas na cidade, uma avaliada em 100 contos e outra em 200 contos, que foram igualmente recuperadas. Foram-lhes apreendidas diversas ferramentas adequadas ao furto de automóveis. Seguidamente foram presentes no Tribunal de Gaia, que ordenou a sua transferência para Custódias.

— Foi feito o controlo de alcoolémia a 9 condutores auto, 4 dos quais acusaram taxas excessivas de álcool no sangue, pelo que foram autuados e as suas cartas de condução apreendidas, nos termos da legislação em vigor.

HOSPITAL DISTRITAL DE ESPINHO

Visitas a doentes

Dado que o número de visitas é elevado, e quantas vezes põe em perigo a vida dos doentes recém-operados, a Comissão Instaladora achou por bem em benefício daqueles, tomar a seguinte decisão:

Não é permitida a entrada de

menores de 10 anos.

As visitas das 15 às 16 horas passam a custar 25\$00.

As visitas das 18,30 às 19 horas passam a custar 30\$00.

Esta decisão foi tomada para bem de todos os doentes, espera esta Comissão Instaladora a

compreensão de todos.

Nota: Este aviso tem início a partir de 1 - 2 - 86.

(O Presidente da Comissão Instaladora)

Dr. Rui Martins da Cruz Fael

FONSECA
TECIDOS
MODAS
Rua 19 n.º 275 - Tel. 720413
ESPINHO

**A. Moreira
da Costa**

CLINICA GERAL

Rua 19, 364 — Tel. 721218
2.ª e 6.ª feira

Rua 16, 789 — Tel. 722695
3.ª feira

Rui Abrantes

ADVOGADO

Rua 18 n.º 582 - 1.ª Esq.
Sala 3

Telef. 723811 — ESPINHO

MUNICÍPIO DE ESPINHO

EDITAL N.º 11/86

Dr. José Manuel Afonso Gomes de Almeida, Presidente da Câmara Municipal de Espinho:

Faço público que as reuniões ordinárias da Câmara passam a ter lugar às 2.ª e 4.ª feiras de cada mês, sendo apenas pública a das 4.ª Feiras.

E, para constar, se passou este e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do estilo e publicados nos jornais «Mare Viva», «Defesa de Espinho» e «Espinho Vaireiro».

E eu, João Vicente, Director do Departamento dos Serviços Administrativos da Câmara Municipal, o subscrevi.

Espinho, 13 de Janeiro de 1986.

Dr. José Manuel Afonso Gomes de Almeida

O Presidente da Câmara.

Fernando Rodrigues Lima

Distribuidor de papéis COLOWALL, com novas colecções para 1985 e 1986 acabadas de sair, Vimura, Paréta, Parati, etc.

DESCONTOS ESPECIAIS A EMPREITEIROS

Trav. da Rua 5 (traseiras da Garagem Sousa) — Telf. 721739

ESPINHO

Parteira Lina

Preparação para o Parto e Pós-Parto, com Ginástica adequada pelo Método Psico-profiláctico.

Massagens de Estética

Recuperação, reeducação e ginástica

Rua 18 n.º 482 - Tel. 720904
ESPINHO

Café * Snack-Bar

NITA

Especializada em:

Pratinhos Regionais

R. 16 — Frente ao Mercado

Judith antiguidades

Rua 19 n.º 833 - Loja H — ESPINHO

AGRADECE A VOSSA VISITA

VISITE

A Escrivanhina

(PAPELARIA)

FOTOCÓPIAS

(Aberta das 14 às 23 horas)

C. Com. Solverde 1 (frente Est.º CP) Loja P - 1.ª — ESPINHO

CONSULTE

Centroconta

(ESCRITAS)

Mecanografadas

ou em Computador

GRUPOS A/B/C

TEL. 721111



SALGADO ZENHA e MANUELA EANES ESTIVERAM EM ESPINHO

Estava a praça da Câmara Municipal pejada de gente quando Manuela Eanes chegou, cerca das 11.15 horas, e a custo conseguiu chegar até junto da escadaria de acesso ao edifício municipal. Um quarto de hora depois chegou Salgado Zenha que também ele levou um banho de gente.

Manuela Eanes, esposa do actual presidente da República, foi quem primeiro usou da palavra. Os presentes gritavam: «Espinho vai votar, Zenha vai ganhar» e «Zenha à presidência» e a apoiante de Zenha teve que esperar alguns instantes para depois poder dirigir-se-lhes.

O seu discurso foi virado para a necessidade que há em eleger Salgado Zenha para a presidência da República. «Em 26 de Janeiro vai estar em jogo a paz, a tolerância e a democracia. O único candidato capaz de garantir tudo isso é Salgado Zenha». Depois, dirigindo-se (in)directamente a meia dúzia de jovens que se apresentavam com autocollantes, bandeiras e chapéus de Freitas do Amaral, dizia o seguinte «esta candidatura é a única que garante a educação e o trabalho para os nossos jovens, que serão educados de molde a respeitar os outros. Não queremos viver num país onde só os que governam tenham direito de

falar».

Para Manuela Eanes, Freitas do Amaral não é um homem de palavra. «Em 1980 disse não aceitar um cargo governativo no caso de Eanes ganhar as presidenciais. Eanes ganhou e Freitas do Amaral foi vice-primeiro ministro. Um homem assim não pode ser presidente da República».

Mas a intervenção que mais entusiasmou os presentes foi a de Salgado Zenha, que começaria por dizer: «A arma do povo é o voto. Foi com essa arma que o povo elegeu Ramalho Eanes e derrotou Soares Carneir, em 80. A batalha de hoje é a mesma. Temos que derrotar os candidatos de direita para podermos continuar a viver em liberdade». Não criticou directamente Soares, mas o mesmo não o fez em relação a Freitas do Amaral «Deus nos livre de Freitas do Amaral ser eleito presidente da República, porque se tal acontecer a liberdade volta a estar em perigo».

Salgado Zenha acha que um candidato que seja autenticamente um democrata não pode recusar os votos venham eles de onde vierem. Só assim o presidente eleito poderá ser o presidente de todos os portugueses. Concluiu do seguinte modo «Sinto muito orgulho em ter o apoio do general Ramalho Eanes, porque ele foi sempre um exemplo de dignidade ao longo dos seus mandatos. Uma vez eleito tudo farei para con-

tinuar o seu exemplo».

Para o candidato a Belém, Portugal só será um país próspero e independente se ele for

eleito. «Quero ganhar as eleições para fazer de Portugal um país onde todos possam viver sem terem vergonha de serem

portugueses. Temos que votar na continuação do 25 de Abril, para que tempos negros não se abatam de novo sobre Portugal».

SESSÃO DEBATE DA ZAP com MARQUES JUNIOR

As presidenciais que percorrem o país de lés a lés, tiveram mais uma vez presença activa na nossa cidade na passada sexta-feira, numa sessão onde a ZAP explicou o porquê da candidatura de Salgado Zenha. Os oradores foram Marques Júnior (ex-membro do Conselho da Revolução) e Vasco Fraga (secretário de Estado do Governo de Lourdes Pintasilgo).

Vasco Fraga, primeiro orador da noite, começou por traçar o perfil do candidato, para concluir depois que Salgado Zenha é o único que tem condições para poder ser o presidente da República. O orador disse mesmo a dado passo. «Salgado Zenha exhibe todos os atributos morais, cívicos e políticos para poder ser o futuro presidente da República. É um homem digno, corajoso e exigente. Em suma, um democrata que saberá dar continuidade à seriedade com que Eanes sempre cumpriu os seus mandatos».

O orador seguinte foi Mar-

ques Júnior, um dos capitães de Abril, que se confessava emocionado quando é reconhecido como tal. «Ainda hoje se me arrepiam os cabelos quando sou chamado dessa maneira». Este membro da comissão nacional da ZAP, fez um exaustivo relato da análise política das presidenciais, para depois reconhecer que não vai ser fácil o caminho que Salgado Zenha vai ter que percorrer até chegar a Belém.

O caminho poderá não ser fácil, mas Zenha e os seus apoiantes parecem convencidos que ele é o candidato com mais possibilidades de chegar a Belém.

Marques Júnior aproveitou a oportunidade para fazer breves referências aos outros candidatos. «Freitas do Amaral é o candidato que surge cinco anos depois como sucessor de Soares Carneiro, depois de este ter sido derrotado em 80. A vitória de Freitas do Amaral será o regresso a, antes do 25 de Abril».

No entender do orador, Mário Soares é hoje um homem que deixa muitas dúvidas aos democratas portugueses. «Foi sempre um anti-fascista, mas a sua prática com cedências à direita dá direito a que os democratas hoje não tenham confiança nele». Lourdes Pintasilgo também não foi poupada por Marques Júnior, que disse o seguinte: «Lourdes Pintasilgo prometeu renunciar à sua candidatura se entretanto aparecesse outro candidato que reunisse maiores consensos. Até ao momento isso não aconteceu, talvez porque a candidata não sabe o que dizer aos que estão a trabalhar na sua candidatura». Ficou claro que Lourdes Pintasilgo não é uma inimiga dos membros da ZAP mas tão somente uma candidata que se move na mesma faixa do eleitorado, o que eles consideram perigoso para a democracia em Portugal. Estas as conclusões que se podem tirar do debate.



LOURDES PINTASILGO: DE NOVO EM ESPINHO «PARA RESPIRAR UM IODO TÓNICO»

Prosseguindo a sua campanha em direcção ao norte do país, a candidata Maria de Lourdes Pintasilgo visitou, sábado passado, várias localidades do distrito de Aveiro, passando por Espinho, onde visitou a sede do núcleo de apoio local à sua candidatura, como estava previsto, antes da sua chegada à cidade do Porto. Ali, na capital do norte, aquela candidata participaria num comício-festa a realizar no mercado Ferreira Borges, pelas 21.30 horas.

A caravana de Pintasilgo chegou a Espinho às 19.35 h., com um atraso de 65 minutos em relação ao horário previsto. Centenas de pessoas, que enchiam as ruas de acesso à sede, sita no ângulo das ruas 14 e 21, aguardavam a chegada da engenheira, empunhando bandeiras e cartazes, alusivos à sua candidatura. Foi com muita dificuldade que a viatura que a transportava conseguiu estacionar junto à entrada da sede, pois todos queriam manifestar o seu apoio, cumprimentando-a ou dando vivas à sua passagem.

A sua chegada, ao som da música, foi cantada, pelos presentes, a canção «parabéns a você», pois que no dia 18, a engenheira completava 56 anos de idade. Depois dos habituais cumprimentos aos representantes do núcleo local de apoio e da entrega de flores, Maria Lourdes Pintasilgo, fez uma alocução de 10 minutos, da varanda da referida sede. Cumprimentado os presentes, agradeceu a todos por terem esperado por ela e manifestado, de várias formas, o seu apoio. Afirmou de seguida: «Vim à vossa terra para respirar o iodo tónico da liberdade, terminando aqui uma grande digressão pelo vosso distrito».

Prosseguindo o seu breve discurso, Pintasilgo garantiu no caso de ser eleita, pôr o país a funcionar. «Está na hora da viragem do nosso país. É preciso assumir um destino novo para que o país continue independente, não precisando de estar sempre de joelhos perante ninguém».

Continuando, salientou: «Se

fôr eleita, com a vossa ajuda, assumirei esse grande compromisso. Pôr Portugal a funcionar em todo para que o país seja uma realidade para todos sem excepção». Pintasilgo disse ainda que: «à medida que se vai subindo para o norte, se torna mais claro que a liberdade não é um substantivo abstracto, mas sim um substantivo concreto. A

liberdade significa ter pão, habitação, saúde, educação, salários, justiça social para todos».

Interrompida algumas vezes para ser aplaudida, terminaria dizendo: «Vou assumir a responsabilidade e o compromisso de mudar Portugal. Como independente, não discriminarei nenhum partido nem quaisquer outras forças serão marginali-

zadas. Tenham esperança e contem comigo. Viva Portugal».

De seguida, ainda na varanda de onde falou, Maria de Lourdes Pintasilgo, recebeu uma sua caricatura feita por um artista espinhense.

A caravana da engenheira, sempre muito aplaudida, abandonou a sede local de apoio à sua candidatura, cerca das 20.05 horas, rumo ao Porto.

MÁRIO SOARES EM ESPINHO

Mário Soares deverá ter estado ontem em Espinho, no decorrer da sua campanha por zonas do distrito. O programa previa a chegada em caravana proveniente da Vila da Feira, seguindo-se depois encontros

com os apoiantes no Largo da Câmara e na zona do Bairro Piscatório. A hora de encerrarmos esta edição os serviços locais da candidatura não dispunham de outros elementos de interesse noticioso.



JOSÉ FONSECA:

Namorar Lito depois do divórcio com o PSD local

MV — Como vê o antigo executivo, que análise faz do trabalho por ele desenvolvido?

JF — Para mim o executivo anterior foi uma frustração muito grande nomeadamente porque sempre defendi que o esquema fundamental para uma Câmara seria o estilo colegial.

O executivo anterior foi extremamente centralizador e a distribuição dos pelouros foi infeliz; a marginalização dos vereadores manifestou-se logo aí.

O executivo integrou elementos que vinham da minha Câmara e que, sobre os mesmos problemas, tomaram posições antagónicas; a concessão de jogo, o Parque da Cidade, o parque de campismo de Sales; o tempo para desbloquear, por exemplo, esta situação, demorou o mesmo tempo do mandato.

Em Março a Câmara recebeu o acórdão do Supremo Tribunal sobre o indeferimento relativamente ao Parque da Cidade; incumbiu-se depois o advogado para investigar novos processos; o Tribunal demorou 4 anos e a anterior Câmara, de Março até Dezembro, caprichou em não fazer absolutamente nada.

Verificou-se ainda, pela minha parte, uma impossibilidade de diálogo, ninguém conseguiu dialogar com o Presidente.

Tive a oportunidade de pessoal e publicamente lhe reconhecer extremamente válido e brilhante o mandato de 76 a 79, mas o mandato de 83 a 85 foi de um Presidente doente, o que ele reconheceu pedindo a sua aposentação por incapacidade de doença para exercer o cargo.

MV — A segunda pergunta que gostaríamos de lhe fazer era exactamente o que pensa de Artur Bártolo?

JF — Penso que já disse quase tudo.

Normalmente considera-se um bom Presidente uma pessoa que lança grandes empreendimentos, realizações de vulto. Nem nos últimos nem nos próximos anos a Câmara tem possibilidades disso. As obras ultrapassam os 200 mil contos. Artur Pereira Bártolo deixou uma imagem de um homem que é para esquecer. Nem as pessoas mais solidárias apostariam em Artur Bártolo.

Se o novo Presidente não for instrumentalizado

MV — Qual a sua opinião sobre o novo executivo?

JF — É extremamente difícil fazer uma apreciação uma vez que se conhecem mal as pessoas. Seria arriscado fazer uma previsão, mas vamos ter uma Câmara bem mais dialogante. Se o novo Presidente conseguir não ser instrumentalizado, pela actual Comissão Política do PSD, tem todas as condições para ser um bom Presidente. Nunca privei com o Dr. Lito Gomes de Almeida; neste momento ele tenta fazer um levantamento das principais carências da Câmara, dos Serviços, ouvindo em cada sector os responsáveis e prevejo que nessa consulta irão ser ouvidos os autarcas com mais experiência.

MV — Como justifica a sua saída, o seu corte de relações com o PSD?

JF — Eu sempre mantive uma atitude de disponibilidade ao partido independentemente das alternâncias do poder.

Como os leitores do seu jornal sabem, candidatei-me várias vezes à Comissão Política do PSD e não consegui. Foi conivência mais do que generalizada, ao aproximarem-se as eleições de que o candidato mais bem posicionado seria indiscutivelmente eu; foram apresentados vários abaixo-assinados. Aguardei uma resposta da Comissão Concelhia do PSD, mas foram constituídas listas e eu não fui ouvido minimamente, o que constitui uma marginalização.

MV — E porquê essa marginalização?

JF — O facto de eu ter tomado posições frontais a favor do Dr. Francisco Sá Carneiro, num congresso em que fui delegado juntamente com o Dr. Ferreira de Campos, que, juntamente com outra pessoa, ameaçou abandonar o Congresso caso fosse aprovado o regresso de Sá Carneiro. Fui o único elemento da Comissão Política de Espinho a estar ao lado de Sá Carneiro.

Os elementos que neste momento constituem a Comissão Política regressaram após a morte de Sá Carneiro, pois nessa altura afastaram-se.

Durante esse regresso eu estive bastante ocupado e esse grupo investiu contra mim culminando na máxima «É preferível perdermos que termos José Fonseca na Presidência».

Um verdadeiro sacerdotício

MV — A sua lista do CDS acabou por ter uma votação razoável. Muitos militantes do PSD terão votado em si...

JF — Eu tenho um estilo diferente de estar na política. Se algum mérito há na minha imagem é o meu estilo, em que há uma «deformação» profissional, que me leva a fazer de qualquer cargo um verdadeiro sacerdotício.

Tenho uma incapacidade psicológica de dizer não. Vem a propósito uma referência de um jornal também da cidade, então miseravelmente irónico, de que eu ia montar uma banca para conseguir emprego para toda a gente. Há algo de verdade nesta ironia porque tento sempre abrir uma esperança à pessoa que me aborda. Na Câmara ou fora da Câmara, tento resolver-lhe o problema.

Vereador a tempo inteiro: «O Presidente solidário comigo»

MV — É militante do CDS, agora?

JF — Não sou nem nunca o serei.

MV — Porquê?

JF — Serei incondicionalmente militante do PSD, apesar de ter sido expulso pela Comissão Distrital de Aveiro, o que não me surpreendeu. Magou-me, por ter havido gente que se aproveitou da sua posição no Conselho de Jurisdição. Não farei qualquer diligência. Continuarei a ser social-democrata.

MV — Continua a estar in-

teressado em ser vereador a tempo inteiro?

JF — O seu jornal já o disse a semana passada. E no mandato anterior fizera-me a mesma pergunta. Eu responderia: Muito obrigado mas... vou pensar. E continuaria a pensar enquanto o sr. Bártolo fosse presidente.

MV — Neste momento, teria que ter um «contrato», um entendimento muito específico?

JF — Na 1.ª reunião deste executivo o sr. Presidente disse que gostaria de ter um pelouro a tempo inteiro para cada vereador.

Os meus colegas disseram que não estão disponíveis por razões profissionais e eu, pelas mesmas razões, estou disponível.



«O SR. PRESIDENTE MOSTROU-SE SOLIDÁRIO COMIGO...»

MV — Qual é a sua profissão?

JF — Professor de Moral no Colégio de Santa Maria de Lamas.

MV — Pensa, portanto, que o actual Presidente o aceitará?

JF — No primeiro contacto que tive em plena campanha, o senhor Presidente mostrou-se absolutamente solidário comigo, repetiu que, a depender dele, eu constaria das listas do PSD e o que aconteceu foi por imposição do Dr. Ferreira de Campos e da Comissão Política. O Dr. Lito Gomes de Almeida disse-nos que contasse com a sua solidariedade na Câmara e fora dela.

Convidei Casal Ribeiro para a minha Câmara

MV — Que pensa do facto de este executivo não ter um vereador da APU?

JF — Não tem e há muita gente dessa área que me considera o responsável por uma divisão de votos que o eliminou.

É mais ou menos do domínio público que, na Câmara de que fui Presidente, pensei seriamente convidar o sr. eng.ª Casal Ribeiro para vereador a tempo inteiro, o que não fiz por falta de coragem em romper com a pressão partidária.

Presentemente, não o faria.

MV — Porquê?

JF — Porque me parece que o comportamento dele também mudou. Vi-o com uma certa resistência ao diálogo a que tanto nos habituou e, na parte final do seu mandato pereceu-me ter uma obsessão eleitoralista.

Freitas do Amaral Política ética e lúdica

MV — Quem é o seu candidato à Presidência da República?

JF — O meu candidato é o prof. Freitas do Amaral que me parece ser a única reserva do Dr. Francisco Sá Carneiro. Freitas do Amaral tem também uma concepção ética e lúdica da política. Pela primeira vez na minha vida ouvi dizer que a política sem ética é uma vergonha e verifiquei que também o actual primeiro-ministro nem sendo intransigente, dizendo não a esses militantes do PSD que eu sempre considerei uma vergonha.

MV — Mas Freitas do Amaral é também o candidato da Comissão Política local do PSD. Como conciliar isso?

JF — Vejo-o com dificuldade, porque o principal responsável da Comissão Política local sempre pôs como condição única para apoiar a lista de Cavaco Silva que ele não apoiasse a candidatura de Freitas do Amaral.

BAZAR MILÚ

Centro Comercial Solverde 1 - Loja K — ESPINHO

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

15% DESCONTO

Na compra de Brinquedos-Jogos - Construções e outros artigos

BAZAR MILÚ

Visite-nos

ALUGA-SE

Quarto bem situado

Preço módico

Informa no

Quiosque Reis - Av. 8

A VARINA

Especialidades:

Arroz de marisco, Lulas, Caldeirada, Bacalhau, Roedores e as famosas papas de sarabulho.

SERVIMOS PARA FORA

R. 2 N.º 1269 — ESPINHO
Telef. 724630

PARA COMPRAR BOM CAFÉ

Casa ALVES RIBEIRO

Torrefactor de Café

ESTABELECIMENTO DE VENDA AO PÚBLICO

RUA 19 N.º 294

ESPINHO

Casa especializada em artigos para Noivas e acompanhantes.

Comunhões, Lingerie e Pré-Mamá

ESPOSABELA

Rua 12 n.º 589 — ☎ 724203 — ESPINHO

CAN-CAN II

BOITE PIANO BAR

DISCOTECA

O seu ponto de encontro

Bastante requinte para que se sinta bem, durante o seu Drink.

Aberto de 2.ª a 6.ª feira, das 21 às 02 horas

e às 6.ª feiras das 21 às 03 horas.

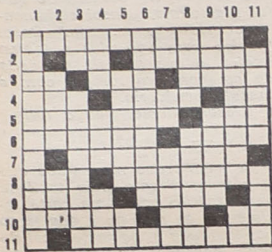
RUA 18 N.º 615 — TELEF. 723442 — ESPINHO

CARTAZ

Por motivos imprevistos, não nos é possível publicar informações de «Cartaz» neste número.



PROBLEMA N.º 138



HORIZONTAIS

1 — Tem cinco ângulos. 2 — Andava; brotam. 3 — Despido; forma-o dois; qualquer, de dois ou mais. 4 — Senhores (abrev.); sopfo; no meio do pego. 5 — Separada; termo. 6 — Beijo; saltério. 7 — Açoita.

8 — Instituto de Socorros a Náufragos; nostálgica. 9 — Tamanco; serras sem vogais. 10 — Fora de tempo; rio costeiro francês; utensílio. 11 — Fragmentos.

VERTICAIS

1 — E-o o reformado. 2 — Sigla de uma grande potência mundial; consta. 3 — Símbolo do níquel; sonso. 4 — Transportadora Aérea Portuguesa; fulgor poesia para ser cantada. 5 — Alvorços; aterro no meio. 6 — Causadoras. 7 — Miolo do go-mo; nota musical; campesino. 8 — Pedação; lati. 9 — Nome feminino; frutos. 10 — Encostas; rio de Itália. 11 — Massa terrestre; cingés.

SOLUÇÃO PROBLEMA N.º 137

HORIZONTAIS — 1 — Alcoviteira. 2 — Aar. reco. 3 — Atrevido, AR. 4 — Tia, adi, Che. 5 — Rr, brioso. 6 — Arrostar. 7 — Cofie, oa, ET. 8 — Alinda. nata. 9 — Acólá, did. 10 — Ir, orelhudo. 11 — Anos, ciara.

VERTICAIS — 1 — Atracaria. 2 — Latir, ol, RN. 3 — Cara, afia. 4 — Ore, brincos. 5 — Varredor. 6 — Iridio, Alec. 7 — Tedioso, Ali. 8 — Eco, Stan. há. 9 — lo, coa, adur. 10 — Ah, retida. 11 — Arrebatada.

RIFAS DA NASCENTE

48.ª SEMANA — 17/1/86

433 — Joaquim Pinto Moreira Costa	— 5.000\$00
033 — António Santos	— 500\$00
133 — Angelo Manero Lemos	— 500\$00
233 — Modas Mendes	— 500\$00
333 — Ferreira Marques	— 500\$00
533 — Boutique Jenny	— 500\$00
633 — Joaquim F. Pereira	— 500\$00
733 — José Costa P. Meneses	— 500\$00
833 — Idalina Gomes Almeida	— 500\$00
933 — António Cardoso Lemos	— 500\$00

Mopeira da Costa

CIRURGIA GERAL E VASCULAR

Rua 20 n.º 520-1.
Telefone 721014
E S P I N H O

VISTA OS SEUS FILHOS NA

BOUTIQUE MI

Telef. 724174
Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

FAMAPOL

ANTÓNIO DA SILVA MIGUEL

Fábrica de peças em Poliéster, Caixas para Atrrelados
Revestimentos em Carrinhas, etc.

Esmoães - Anta — ☎ 720559/723169 — 4500 ESPINHO

Casa Romeu

FILIPE RODRIGUES VITÓ & FILHOS, LIMITADA

Oculista Vitó

2 CASAS ONDE O BOM GOSTO IMPERA

R. 19 n.º 299 e 242 - ☎ 721433/723056 - ESPINHO

Ciclomotores de Espinho

ANTÓNIO F. DE SA ALVES

Armazém de acessórios para qualquer marca
de motorizadas e bicicletas.

Motorizadas — Bicicletas — Acessórios

Av. 24 n.º 841 — Tel. 723800 — Apartado 107 — ESPINHO

Casa MARRETA

Pedro da Silva Lopes

Especializada em:

Arroz de marisco, Lulas,
Enguias, Caldeirada, Açorda
de peixe, Bons vinhos

Rua 2 n.º 1355 — ESPINHO
Telef. 720091

A MODELAR

Evanória — Produtos Dietéticos

Telefone
723068



R. 16 - Merc. Municipal — ESPINHO
Aviamento rápido de receitas de
óculos com descontos das Caixas
de Previdência

JOSÉ OLIVEIRA

— SOLICITADOR —

ESCRITÓRIO:

Rua 19 n.º 401 - 1.ª
Telefone 720093
ESPINHO

Casa VERMAR

José Rachão e António Marinho

Especialidades em arroz de
marisco, Caldeirada e todos
os géneros de Petiscos
Bons Vinhos - Bom Ambiente

RUA 2 N.º 1413 - ESPINHO

ESCREVE O LEITOR

Sapos ou barretes? Eis a questão

1 — O aparecimento de duas candidaturas na área onde habitualmente se situa o eleitorado da esquerda, tem gerado uma cada vez mais exacerbada controvérsia a respeito de se saber quem é mais democrata, mais capaz e sobretudo, qual o candidato que emana da autêntica vontade popular.

Este é, quanto a mim, um falso argumento que é quase sempre utilizado por quem, exterior a partidos e desejoso de caçar na área onde estes o fazem, sabe que uma grande parte do eleitorado não está a eles ligado por laços de militância.

Não se trata, portanto, de se saber quem tem mais ou menos atributos para poder ser apelidado de candidato popular.

Trata-se, isso sim, de uma estratégia que tem por finalidade exclusiva conseguir votos, mesmo que isso se faça à custa da clareza de intenções, da seriedade política e de onde os processos demagógicos, o oportunismo e o insulto não estão muitas vezes excluídos.

Candidatos ditos populares já os tivemos em Mussolini, Hitler e Salazar os quais tendo chegado ao poder através de denominados movimentos de massas, um dos seus primeiros actos foi o de acabar com os partidos de raiz popular, que é como quem diz com a democracia.

Não é, obviamente, este o caso em Portugal, mas não deixa de ser estranho e até aberrante que, numa democracia como a nossa, em que um dos seus

pilares fundamentais é a existência de partidos, apareça uma candidatura a utilizar semelhança estratégica.

2 — Ora aconteceu que até o Maré Viva, órgão democrático e de esquerda, não conseguiu escapar imune a este tipo de argumentação.

Na verdade, quem tenha lido, no seu n.º 465 de 2 do corrente mês, um artigo intitulado «E um sapinho», terá certamente verificado aquilo que acabo de escrever.

Teria sido possível que tal não tivesse acontecido, tanto mais que, para se levar a água a um certo moinho, se acabou por tratar de forma pouco ortodoxa um dos candidatos da esquerda, apelidando-o de «qualquer meco». Ora bolas.

Mas, o que interessa aqui escarpelizar de maneira serena, é o tal conceito de eleição emergindo ou emanando da vontade popular não relacionada com a actividade ou o desejo dos partidos.

Dado que o que está em causa são os candidatos ditos de esquerda, o dar-se a entender que aquele que receba o apoio dos partidos de esquerda não emerge da vontade do povo, é o mesmo que dizer-se que os ditos partidos nada têm a ver com o mesmo povo.

Terei sido eu que exagerei na conclusão ou deveremos considerar as pessoas que navegam em tais águas, como estando a seguir uma rota que as poderá conduzir ao confusãoismo político?

NOTA DO DIRECTOR

Justificar-se-á, da parte do director do «Maré Viva» uma pequena resposta ao que V.ª Ex.ª expõe no seu artigo, na medida em que aí refere expressamente uma publicação da responsabilidade deste no espaço de opinião individual de cada elemento que «constrói» este jornal, denominado por «Contraluz».

Alguns esclarecimentos serão necessários:

1.º — Não se apelida de «qualquer meco» a figura do candidato Zenha, pessoa pela qual temos o maior respeito, mas sim a forma «repentina» e pouco esclarecedora como a sua candidatura aparece.

2.º — Segundo, parece-nos que não se diz aí que os partidos em causa não têm nada a ver com o povo, tanto mais que, como é do conhecimento público, muitos militantes de partidos ligados à APU e do PRD estão altamente comprometidos com a candidatura da sr.ª eng.ª Maria de Lourdes Pintasilgo.

3.º — Eu tenho demasiado respeito pelo papel do Partido Comunista Português, do Movimento Democrático Popular e do Partido Renovador Democrático para confundir vontade popular com anarco-populismo e sendo eu director do «Maré Viva» há exactamente um ano e «militante» desta Cooperativa

Será que se está a confundir vontade popular com anarco-populismo, voluntarismo ou qualquer outro «ismo» de tipo mais ou menos indefinido?

Será que os «Graais», «Mads» e outros movimentos mais ou menos confessionais, mais ou menos internacionais e de contornos não conhecidos, dão à candidatura da Eng.ª Maria de Lurdes Pintasilgo o carácter popular que a candidatura de Salgado Zenha não tem, apesar de ser apoiada por partidos profundamente enraizados no povo?

Será que os dirigentes e notórios apoiantes da Campanha de Lurdes Pintasilgo, são mais democratas e de raiz mais popular do que os que dirigem a apóiam a de Salgado Zenha?

Será o passado político da candidata Pintasilgo que lhe confere tão excelsas qualidades e as retira ao candidato Zenha?

Ou será o inefável e mimético analista político, sr. Eduardo Prado Coelho — isto para não falar de Sanches Osório — que lhe confere tais atributos e os retira a Salgado Zenha que é apoiado por homens como Henrique de Barros, Ramalho Eanes, etc.?

É evidente que sapos ou sapinhos custam a engolir. Mas enfim, com algum custo lá se vão, digerindo.

O pior é se, em vez de sapo, vem barrete. Quando bem enfiado, não dá para ver, ouvir e até respirar. Cautela, não vá ser caso disso!

José Vingada

há quase nove, lamento que V. Ex.ª não tenha de tal conhecimento.

4.º — Poderei reconhecer talvez que arrisquei um pouco uma polémica deste tipo ao fazer algumas considerações em relação a uma candidatura com a qual estou publicamente comprometido. No entanto, não penso que o jornalista tenha que ser «neutro» fora da notícia, ou outro trabalho de redacção; creio que se trata também de uma pessoa e que ser independente pode facilmente coincidir com ser oportunista.

Respeitosamente,

José Rafael Tormenta

VOLEIBOL

Campeonato Nacional de Juniores

S. C. E., 3 — C. R. STA. ISABEL, 0

F. C. PORTO, 3 — S. C. E., 1

Os juniores do Sp. Espinho começaram a sua participação no campeonato nacional com uma vitória e uma derrota. A vitória aconteceu no sábado contra o C. R. St. Isabel (Coimbra) e a derrota no domingo contra o F. C. Porto.

No primeiro destes confrontos, os espinhenses não tiveram dificuldade em levar de vencido o seu opositor. Com uma recepção bastante eficiente que fazia chegar a bola ao passa-

dor em boas condições, era fácil aos locais atacar com êxito o bloco do adversário.

No segundo e terceiro «sets» os forasteiros conseguiram equilibrar o marcador, mais por desagrado dos «tigres» de que propriamente pelo seu valor.

Domingo, os espinhenses deslocaram-se ao recinto do F. C. Porto, acabando por saírem derrotados sem apelo nem agravo. Os portistas mostraram-se mais agarrados ao ponto, não se

dando ao trabalho de inventar, o que em certa medida aconteceu com a equipa de Espinho, que falhou nas fases elementares do jogo, entregando de mão beijada a vitória à turma portista.

O SCE alinhou com: Adelino Castro, Alexandre Afonso, Arnaldo Silva, Carlos Natário, Gabriel Tavares, José Monteiro, José Jesus, Luís Marques e Miguel Sousa.

Campeonato Nacional da 1.ª Divisão

A. A. S. MAMEDE, 1 — S. C. E., 3

S. Mamede — Helder Teixeira, António Barros, João Jesus, André Lima, José Pinto, António Monteiro, Paulo Rebelo, Vítor Quelhas, Rui Faria e Paulo Ferreira.

SCE — Pedro Baptista, António Castro, António Figueiredo, Fernando Castro, Filipe Vitó, João Maduro, António Pinto, António Pedrosa, Avelino Simões, Kustra Wladyslaw, Carlos

Dias e Vítor Coelho.

Parciais: 16-14 (30 m.); 8-15 (23 m.); 4-15 (20 m.); 3-15 (20 m.).

Começou a fase final do campeonato nacional com uma vitória fora é sempre um bom tónico para o resto da prova. Os espinhenses não só venceram como também convenceram. Mesmo no primeiro «set», o único que perderam, os «tigres»

chegaram a ter o «set» ganho quando comandaram por 12-2 e mais tarde por 14-9.

No segundo «set», os homens de Arlindo Quelhas ainda deram alguma réplica, mas nos «sets» seguintes o massacre foi total por banda dos espinhenses. A vitória dos espinhenses fica a dever-se essencialmente ao jogo desenvolvido por estes junto da rede.

Campeonato Nacional de Juvenis

S. C. E., 0 — A. A. E., 3

A. A. E., 3 — COL. I. CARVALHOS, 0

Não se vislumbra o aparecimento de um conjunto que seja capaz de travar a marcha triunfante dos rapazes da Académica. Alardeando uma superioridade sobre todos os seus adversários, os academistas vão despachando sem cerimónia o senhor que se segue. Desta feita foram os conjuntos do Sp. Espinho e do Col. I. dos Carvalhos que não conseguiram encontrar maneira de se lhes oporem.

Tanto no primeiro como no segundo jogo, os rapazes da Académica só no segundo «set» sentiram algumas dificuldades para levar de vencidos os seus adversários, mais por culpa sua de que pelo valor do seu antagonista.

No primeiro jogo as equipas alinharam da seguinte maneira: SCE — Luís Neto, António Cáliz, Luís Moreira, Rui Silva,

Nuno Oliveira, José Tavares, Rui Domingues, Henrique Milheiro, Paulo Queiroz, Pedro Perez, Pedro Barbosa e António Rocha.

AAE — Luís Almeida, André Soares, Armando Brandão, Gonçalo Henriques, Eduardo Fardilha, Paulo Pereira, Pedro Almeida, Luís Maia, João Pereira, Joaquim Morais e Delfim Oliveira.

ANDEBOL

Campeonato Nacional da 1.ª Divisão — Feminino

ACADÉMICO, 16 — S. C. E., 21

A uma Jornada do termo da primeira volta, a turma do SCE comanda isolada a sua série.

No sábado passado deslocou-se ao pavilhão do Académico onde de fronto e derrotou a turma local, que é uma das favoritas ao apuramento para a fase final.

Jogando com velocidade desde o início do encontro, as espinhenses controlaram sempre a situação, pese embora a boa

réplica dada pelas suas antagonistas. O marcador ao intervalo 8-9 era escasso para poder espelhar a superioridade das raparigas de «tigre» ao peito.

Não dispendo de uma única jogadora no banco era de esperar que as espinhenses «re-bentassem» no período complementar. As raparigas de Espinho não se atemorizaram com esse facto, impondo um ritmo ainda mais vivo ao jogo, que acabaria

por desgastar as suas adversárias.

Actuando com agressividade na zona defensiva e partindo rápido para o ataque, as espinhenses deram «show» nos segundos trinta minutos, acabando por vencer folgadoamente um jogo em que se esperavam maiores dificuldades.

SCE — Vera, Paula Radrígues, Rita, Carmo, Cristina, Paula Moreira e Teresa.

FUTEBOL

Espinho, 2 - Famalicão, 0

Melhor o resultado que a exibição

Jogo no Estádio da Avenida, em Espinho. Árbitro: Angelo Alexandre (Santarém). Cartões amarelos: João Carlos (aos 45 m.) e Abel do Famalicão (aos 51 m.)

Espinho — Silvino; Da Rosa, Vítor Manuel, Cruz e Eliseu; Luís Manuel, Manuel Jorge, João Carlos e David; Zé da Pinta e Abel.

Famalicão — Reis; Paulo Henriques (Ferrão, aos 61 m.), Dias, Carvalho e Justiniano; Carlos, Duarte, Vítor Pereira e Abel; Fernando Jorge (Faria, aos 74 m.) e David.

O jogo desenvolvido pelas duas equipas durante o primeiro tempo foi cinzento como a tarde. Os dois conjuntos raramente conseguiram urdir uma jogada com princípio meio e fim, uma vez que os jogadores se acantonavam em demasia sobre a linha do meio campo. Foi um período em que as jogadas de perigo não rondaram as duas balizas. A iniciativa do jogo pertenceu ao Espinho mas fê-lo sempre de forma atabalhoada. O nulo ao intervalo castigava a pouca produtividade das duas equipas.

As duas equipas regressaram dos balneários com outra disposição, parecendo até que os jogadores eram outros. As jogadas de perigo começaram a rondar as duas balizas, ficando a ideia que o golo poderia acontecer.

Aos poucos, os espinhenses

começaram a tomar conta do jogo, obrigando o seu adversário a recuar para junto do seu último reduto, na mira de não deixarem os locais materializarem em golos o melhor futebol que vinham desenvolvendo.

Isso de nada lhes valeu, uma vez que os locais acabariam por inaugurar o marcador quando eram decorridos cinquenta e cinco minutos. João Carlos fez um passe longo para Abel que se isola e atira certamente para o fundo das redes de Reis. Este golo veio premiar o labor dos «tigres».

Uma vez na situação de vencido, o Famalicão veio para a frente na procura do golo do empate, que esteve quase a acontecer quando Vítor Pereira fez um chapéu a Silvino, acabando por se perder o esférico por cima do travessão. Os locais não se perturbaram e David falou o 2-0 na jogada seguinte.

Continuando a insistir no ataque, os locais acabariam por marcar novo golo por intermédio de Manuel Jorge, após a marcação de um livre indirecto.

Até final o Famalicão ainda tentou o ataque, mas o resultado estava feito.

Pelo trabalho desenvolvido ao longo da segunda parte, o triunfo é um prémio merecido para os locais.

Apesar da sua juventude, o trio de arbitragem fez um bom trabalho. Ou nos enganamos muito ou estamos perante um caso sério da arbitragem em Portugal.

RESULTADOS DA SEMANA

ANDEBOL

Seniores Masculinos — CPN, 23 — SCE, 15
Juniors Masculinos — Paroquial, 22 — SCE, 22
Iniciados Masculinos — Col. Gaia, 14 — SCE, 33

HÓQUEI EM PATINS

Iniciados — F. C. Porto, 18 — AAE, 2
Infantis — F. C. Porto, 6 — AAE, 3
Seniores — Carvalhos, 10 — AAE, 2

VOLEIBOL

Iniciados Femininos — C. R. St. Isabel, 0 — SCE, 3
SCE, 0 — Esc. P. Esmoriz, 3
Juniors Femininos — Esc. V. N. Gaia, 0 — SCE, 3
SCE, 0 — Col. I. Carvalhos, 3
Iniciados Masculinos — SCE, 0 — A. S. Mamede, 3
Esmoriz, 3 — AAE, 0
AAE, 3 — Fiães, 0

AGENDA DESPORTIVA

DIA 25

ANDEBOL

Iniciados Masc. — SCE/Módicos — 16 h.
Juniors Masc. — SCE/D. Póvoa — 17 h.
Seniores Fem. — SCE/Beira Mar — 18 h.

HÓQUEI EM PATINS

Seniores — AAE/Escola Livre — 21.15 h.

DIA 26

HÓQUEI EM PATINS

Infantis — AAE/Paço Rei — 10 h.
Iniciados — AAE/Escola Livre — 10.45 h.

JORGE RELVAS

MULTICOISAS

DISCOTECA - RELOJOARIA
TV - APARELHAGENS DE
SOM - PORCELANAS
BRINQUEDOS - ETC.

AVENIDA 24 N.º 217

Milton Pinho
Glória Rodrigues

SOLICITADORES

RUA 28 N.º 583 - R/C
TELEF. 720584

Maria do Rosário
Currel

Médica - Interna Psiquiatria

Consultas às 6.ª feiras
das 15 às 20 horas

POLICLINICA CENTRAL
Telefs. 722111/723671

FESTA FINAL DAS JANEIRAS

— alegria numa noite de Janeiro

Mais uma vez, a Festa Final das Janeiras, organizada pelo Coro Popular de Espinho e pelo Teatro Popular de Espinho, teve um enorme êxito.

Com o Salão da Piscina completamente cheio, assistiu-se, por um lado a mais uma representação

cênica do que são as Janeiras na rua e, por outro à reprodução de uma tradição da região de Trás-os-Montes, a «Festa dos Rapazes».

Todo o Salão estava decorado com um cenário que lembrava exactamente um aldeia transmontana de ruas tortuosas, casa de planos irregulares, gente rude e carinhosa, gente do povo.

Depois, os primeiros mascarados entraram em cena fazendo rir quantos eram pequenos e também adultos.

Seguiu-se a entrada do Coro, que cantou ao Menino, junto de um presépio que também fazia parte do cenário.

Depois... depois os mascarados «atacaram» de uma maneira pouco brejeira as raparigas, que fugiam sob as gargalhadas dos homens. Trata-se de um dos aspectos da «Festa dos Rapazes» que, segundo a tradição, neste dia em que é festejada a sua entrada para o mundo «adulto» podem fazer tudo, ou quase tudo, às raparigas.

No momento seguinte, após alguns segundos de diversão novamente com os mascarados, foi a entrada do Coro, formalmente, para cantar as Janeiras a várias casas, também componentes do cenário; um dos pontos em que os janeireiros pararam para cantar foi a tasca, onde algo de insólito viria a acontecer: os rapazes, mascarados, enquanto os donos da tasca e alguns clientes assistiam às janeiras, assaltaram-na e levaram tudo quanto era comida e bebida.

Foi uma confusão.

Os janeireiros continuaram depois o seu percurso até que chegou um momento muito especial: primeiro, os mascarados contaram uma história, em verso em que as quadras, de sabor popular, não dei-

xaram de ter algum valor satírico em relação a algumas «personagens» da vida política de Espinho; depois os rapazes lutaram, ainda mascarados, e puderam assim escolher a sua companheira.

Finalmente foi a eleição

Eleito o juiz, foi transportado pelo ar pelas raparigas em grande alarido e euforia.

Depois a festa teve a sua conclusão com o baile popular, onde, ao som de «viras» e «malhões» todos dançaram, novos e velhos.



Cantar ao Menino — um aspecto religioso

de um juiz, colocando-se todos os homens em fila, com o chapéu à frente no chão; para cada homem uma pedra, para que a colocasse dentro do chapéu do seu candidato.

Claro que não faltou também o tinto, de pipo e tudo, com febras, chouriço assado, sopa e bolo-rei.

A meia-noite já ia muito longe quando a festa terminou.

QUADRAS

*Já escureceu nos baixos
Amanheceu nos outeiros
Vivam os homens honrados
Fidalgos e cavalheiros*

*Viva o senhor desta casa
Noventa anos e um dia
Sempre foi e há-de ser
O ramo da freguesia*

*Viva a senhora da casa
Que é perfeita em tudo
Tem a cara redondinha
E os beicinhos de veludo,*

*Vou deitar a despedida
Como a sereja ao ramo
Se não nos tornarmos a ver
Adeus e até pr'ó ano*

AS JANEIRAS NO «JN»

«Em muitas aldeias do concelho de Bragança, os moços solteiros, de 16 anos para cima, juntaram-se, no dia 26 de Dezembro, na festa de Santo Estevão, e chamam o gaiteiro para os acompanhar na estúrdia: comem uma vitela comprada com o produto dos trabalhos agrícolas, percorrem as povoações mascarados e vestidos de fatos felpudos de variadas cores, em algazarra louca, de gritaria ensurdecedora, tendo previamente mandado celebrar missa, a que assistem muito sossegados, e vão «botar as loas», também ditas comédias, num ponto determinado, geralmente o mais central da povoação, na presença do povo, que, guloso, assiste sempre a esta parte do programa».

Depois, bem, para saber o resto terá que se deslocar hoje, pelas 21,30 horas, ao salão nobre da piscina de Espinho, onde o Coro Popular da Cooperativa «Nascentes» leva a cabo a festa final das Janeiras, fazendo reviver uma tradição de Trás-os-Montes — a «Festa dos Rapazes» (a que se refere o trecho que abre esta peça).

O programa é, pois, aluciantemente — e por 200\$00 (150\$00 os sócios da «Nascentes») terá ainda direito a vinho do Porto e bolo das Janeiras.

De referir que no programa participa também o Teatro Popular de Espinho.

A noite terminará com um momento de dança, para o qual os organizadores procuraram mobilizar toda a assistência.

18-1-86

NO TUBO DE ENSAIO - 25 Jan.

UM SÁBADO A NÃO PERDER

à tarde

- concurso de fotografia
- clube de informática
- video

à noite

- música ao vivo, com Hai-Luz
- música para dançar

ENTRADA LIVRE

Após uma campanha intensa, mas eventualmente nem mesmo assim muito esclarecedora das verdadeiras e profundas questões que estão em jogo com as presidenciais, Espinho vai, como todo o País, votar no próximo domingo.

Um ou outro exemplo de atitudes menos democráticas, porventura a denunciar já o que perpassa no espírito dos seus autores ou incentivadores para o caso do seu candidato sair vencedor, não foi bastante para manchar um ambiente que se pretende livre e aberto até final. Ao votar livremente e em consciência, cada um fará a sua opção, assumindo assim a sua quota de responsabilidade perante o futuro do País.

o fechar

Mare Viva
ESPINHO



PORTE PAGO

Câmara Municipal do
ESPINHO